

Que P3

Volta dos centristas atrapalha históricos

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Líderes do grupo histórico do PMDB estão preocupados com a re-
volvola dos moderados do partido, liderados pelo deputado cearense Expedito Machado. O Centro Democrático, organizado em meados do ano passado, para aglutinar a corrente de centro-direita do PMDB e enfrentar as facções de esquerda, acabou sendo superado pelo interpartidário Centrão. Com a aproximação da escolha do líder do PMDB na Câmara e da renovação do diretório e da Comissão Executiva Nacional e, ainda, a possibilidade de a Constituinte aprovar eleições presidenciais neste ano, os moderados decidiram afastar-se do centro, pelo menos teoricamente, para retornar às fileiras partidárias e ao comando de Ulysses Guimarães.

Os históricos não estão acreditando na conversão dos moderados. Alguns deles, como José Richa, Pimenta da Veiga, Euclides Scalco, José Costa, estão convencidos de que o grupo de Expedito Machado pretende, na realidade, esvaziar o plano separatista — de implodir ideologicamente o PMDB. Sem pedir reserva, os principais coordenadores do grupo histórico dizem que não dá mais para conviver na mesma legenda com as correntes de direita.

Acham que o Centro Democrático pretende ressurgir para evitar novos ataques da centro-esquerda do partido. Se todos estão na mesma agremiação, com promessas de lutar pela unidade e defender os postulados peemedebistas, segundo os moderados, as correntes de esquerda ficarão sem manípulo para atacar.

Parece que não é bem assim — mesmo a contragosto o presidente da "frente" multicolorida teve de mandar publicar o edital de convocação da reunião do Diretório Nacional para o dia 24, de iniciativa dos históricos. O presidente do PMDB até que tentou adiar a reunião, sob a alegação de que nada deveria desviar a atenção dos trabalhos da Constituinte.

A reunião do Diretório Nacional foi convocada, mas ainda não há separação quanto a sua realização. Os parlamentares mais ligados a Ulysses Guimarães confiam na fidelidade dos governadores ao comando partidário, para ajudar na manobra de esvaziar a reunião. Sem quórum para deliberar não poderá acontecer nada. Para qualquer decisão será necessária a manifestação de 63 integrantes do Diretório Nacional — maioria absoluta —, o que pode não acontecer se os governadores colaborarem na obstrução.

Se realizada a reunião os históricos vão tentar eleger para a terceira vice-presidência — um lugar de vogal do grupo — o deputado paranaense Euclides Scalco e o deputado pernambucano Egídio

Ferreira Lima — ambos nitidamente da ala de centro-esquerda.

Até recentemente o candidato do grupo histórico à terceira vice-presidência era o senador paranaense José Richa. Ocuparia a vaga aberta com a ida do senador Affonso Camargo para o PTB. Os parlamentares mais afastados com o presidente Sarney e com Ulysses Guimarães indicaram o deputado maranhense Clá Carvalho para enfrentar Richa.

Surgiram problemas que obrigaram o ex-governador do Paraná, um dos líderes do grupo parlamentarista interpartidário, a desistir de sua candidatura. Se os históricos admitem sair do PMDB, não teria sentido um deles disputar cargo de direção do partido. Sem um trabalho adequado e diante da incerteza de realização da reunião do Diretório Nacional, José Richa recusou concorrer.

De imediato os históricos lançaram a candidatura do deputado Euclides Scalco, do Paraná, do qual foi ligado a Richa e ao líder Mário Covas. O deputado Scalco é primeiro-vice-líder do partido na Constituinte e ocupa a primeira secretaria da Comissão Executiva Nacional. Os moderados e os peemedebistas do Centrão o consideram parcial e intransigente, além de esquerdista. A sua escolha para a terceira-vice-presidência foi proposital, para provocar a facção da centro-direita do partido.

A menor reação dos moderados contra Scalco poderá servir de pretexto ao grupo histórico para formalizar a cisão e, daí, partir para a separação.

Além disso, há dois outros temas para discussão e votação no Diretório Nacional: o rompimento do PMDB com o governo e a recomendação para votar a favor do mandato de quatro anos ao presidente Sarney. As duas questões, se depender da vontade de Ulysses Guimarães, não seriam decididas tão cedo. Os moderados não acreditam em decisões no dia 24. Lembrem, a propósito, que o órgão máximo do partido, a convenção nacional, em julho do ano passado, decidia que seriam questões abertas na Constituinte a duração do mandato de Sarney e o sistema de governo. Os históricos sabem disso, mas querem insistir numa recomendação, pelo menos, pelas eleições presidenciais em 88.

Quanto à proposta de rompimento com o governo Sarney, não se acredita em apoio imediato. A tendência da maioria é a de esperar a promulgação da nova Constituição.

A preocupação de Ulysses Guimarães com a reunião do diretório tem sua razão de ser. A sempre adiada implosão na frente que vem presidindo desde 1971 poderá acontecer justamente na hora em que parece crescer seu favoritismo interno para disputar a sucessão de Sarney.

Quil
P. M.
17